



(...) olhou para céu e bocejou um desses bocejos do tamanho de uma casa, escancarando muito a bocarra que era considerada uma das mais competitivas da zona oriental. E aconteceu aquilo da Lua.

Deslocou-se um bocadinho, assim como quem se desequilibrou, entrou a descer devagar, ressaltou numa ponta de nuvem, que por ali pairava feita parva, e foi enfiar-se inteirinha na boca do Andrade, que só fez “gulp” e esbugalhou muito os olhos.

No sítio da Lua, lá no astro, ficou um vinco esbranquiçado como dobra em papel de seda, que logo se apagou, e o céu tornou-se bem liso e escorreito. O Beco ficou um tudo-nada mais escuro e um gato passou a correr, pardo, da cor dos outros.

(...)

Seguiu-se o alvoroço costumeiro sempre que havia novidade. Ia um corruptio de pessoal na rua a falar alto e um ror de gente em casa do Andrade, que estava sentado numa cadeira, pernas muito afastadas, pedindo muita água e queixando-se de que sentia a barriga um bocado pesada.

(...)

*In* Carvalho, Mário de; Pratt, Pierre (2015); *O homem que engoliu a Lua*; Porto; Porto Editora.